

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

Ubiraci Fagundes Brum

A ALTERALIDADE E A CONQUISTA DA PAZ

Cacequi,RS
2020

Ubiraci Fagundes Brum

A ALERLIDADE E A CONQUISTA DA PAZ

Artigo de conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Professor de Ensino Religioso**.

Professora: Lorena P. Marquezan
Tutora: Sandra Elisa Réquia

Cacequi, RS
2020

Ainda que eu falasse a língua dos homens.
Que eu falasse a língua dos anjos. Sem amor eu nada seria,

CORINTIOS (13.1)

A ALTERALIDADE E A CONQUISTA DA PAZ

ALTERALITY AND PEACE ACHIEVEMENT

Ubiraci Fagundes Brum¹, Lorena P. Marquezan², Sandra Elisa Réquia³

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo a pesquisa a significação da noção da Alteridade sob o ponto de vista da autoimagem docente dos professores do Ensino Fundamental. Para abordar o tema que faz relação direta com o Ensino Religioso, a pesquisa a ser realizada terá abordagem qualitativa devido a disciplina trabalhar com um universo de significados, crenças, valores e atitudes, que correspondam a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de resultados. Como fonte de pesquisa uma narrativa autobiográfica de uma professora do Ensino Fundamental. A abordagem do tema, A alteridade e a conquista de uma sociedade alicerçada pelos princípios da *paz*, tem como referência as respostas das indagações sobre a noção do princípio da alteridade docente. E como ocorrem e são tratados na Instituição de Ensino as questões relacionadas à diversidade humana. e as questões da prática da intolerância a elas subjacentes. A pesquisa busca alicerçar através de pressupostos teóricos a relevância do tema para a edificação de uma sociedade humanamente sustentável. Que seriam conquistadas através do reconhecer, valorizar e acolher o caráter singular e diverso do ser humano; atribuir significado a vida através do “*eu*” e o “*outro*” e o *nós* em uma sociedade. O ambiente escolar constitui espaço privilegiado por proporcionar aos educandos a oportunidade de refletir sobre si mesmo e o ambiente que estão inseridos, seu espaço vivencial. Tornando desta forma a compreensão sobre o tema por parte de seus educadores indispensável. Através da fala da professora pode-se observar que este conceito a *Alteridade* não esta introjectado por parte dos docentes. Fazendo-se necessário por parte das instituições formadoras incluírem em seus projetos de ensino. Compreender que os direitos humanos asseguram o exercício da cidadania promovendo a cultura da paz. O ensino Religioso parte integrante do currículo da formação básica contribui para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida, a partir de valores e princípios éticos e da cidadania. Fazendo da Alteridade conceito chave a ser compreendido e agregado. Assim sendo a escola torna-se uma instituição mediadora desses conflitos em busca da sonhada sociedade de *paz*.

Palavras-chave: Direitos Humanos. Diversidade. Acolhida. Alteridade/Ensino Religioso.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the meaning of the notion of Alterity from the point of view of the teaching self-image of elementary school teachers. To approach the topic that is directly related to Religious Education, the research to be carried out will have a qualitative approach due to the discipline working with a universe of meanings, beliefs, values and attitudes, which correspond to a deeper space of relationships, of

¹ Professora, autora, aluna do Curso de Licenciatura em Ciências da Religião.

² Professora da disciplina TCC II.

³ Professora, orientadora do Artigo.

the phenomena that they cannot be reduced to the operationalization of results. As a source of research an autobiographical narrative of a teacher of elementary school. The approach to the theme, Alterity and the conquest of a society based on the principles of peace, has as a reference the answers to questions about the notion of the principle of teaching alterity. And how issues related to human diversity occur and are treated in the Teaching Institution. and the issues of the practice of intolerance underlying them. The research seeks to support, through theoretical assumptions, the relevance of the theme for the construction of a humanly sustainable society. That would be achieved through recognizing, valuing and welcoming the unique and diverse character of the human being; assign meaning to life through the "me" and the "other" and the us in a society. The school environment is a privileged space for providing students with the opportunity to reflect on themselves and the environment in which they live, their living space. Thus making their educators' understanding of the topic indispensable. Through the teacher's speech, it can be seen that this concept of Alterity is not introjected by the teachers. Making it necessary for educational institutions to include in their teaching projects. Understand that human rights ensure the exercise of citizenship by promoting a culture of peace. Religious education is an integral part of the basic education curriculum and helps students to build their personal meanings of life, based on values and ethical principles and citizenship. Making Alterity a key concept to be understood and aggregated. Thus, the school becomes a mediating institution for these conflicts in search of the dreamed society of peace.

Key words: Human rights. Diversity. Welcoming. Alterity / Religious Education.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	06
2 A CONSTRUÇÃO DA HUMANIDADE	09
3 DIVERSIDADE UM LINDO MOSAICO A SER DESVELADO	12
4 ALTERIDADE	15
4.1 A ALTERIDADE: PENSAR SOBRE O EU O OUTRO E O NÓS	15
4.2 DIREITOS HUMANOS E ALTERIDADE	18
5 A ALTERIDADE E O ENSINO RELIGIOSO	19
6 LIÇÕES FILME A EDUCAÇÃO PROIBIDA E O LIVRO EDUCAÇÃO EMOCIONAL	21
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O amor é a única coisa que cresce à medida que se reparte.

Antoine de Saint-Exupery

O presente artigo tem como propósito responder a questão de pesquisa. Qual é a compreensão sobre Alteridade dos professores do Ensino Fundamental presentes na autoimagem docente. Como a comunidade escolar reage diante das manifestações de discriminação presentes no cotidiano escolar? Intolerâncias estas reflexo da construção de uma sociedade etnocêntrica, que contribui para que o campo educacional, mais especificamente a escola torne-se um lugar para o qual refletem algumas tensões expostas pela sociedade. Busco inspiração na passagem Bíblica CORÍNTIOS (13.1) “Ainda que eu falasse a língua dos homens que falasse a língua dos Anjos, se não tivesse amor, eu nada seria”.

Dessa forma a elaboração desse Artigo terá abordagem da metodologia qualitativa. Escolho como técnica de pesquisa a narrativa autobiográfica, sendo esta a escrita de relatos autobiográficos que propiciam os indivíduos a possibilidade de articular, por meio das narrativas que produzem sobre si, as “experiências referências pelas quais passaram, dotando a própria trajetória profissional de sentido”. (SILVA apud PASSEGI, 2011, p.378) Relatos estes que nortearam a escolha das abordagens do presente trabalho.

O critério utilizado na escolha da professora foi por ela encontrar-se ocupando no espaço escolar uma função de liderança que permite a ela estar um grande tempo em contato com todos os seguimentos da escola bem como a frente de seus desafios. Para a entrevista foi solicitado a professora que respondesse 5 perguntas que foram: O que significa a palavra Alteridade? O grupo de professores demonstra ter conhecimento a respeito dessa concepção ou prática? O que observa no dia a dia que seriam exemplos da vivencia da Alteridade? Em que momento por parte da comunidade escolar, as diferentes atitudes denunciam a ausência da prática da Alteridade?

Através da lente da hermenêutica que traz às Ciências Humanas um potencial compreensivo e dialógico, como afirma Gadamer (2010, p.77) a Hermenêutica constitui um meio para compreensão do indivíduo no mundo, portanto a luz dos teóricos pesquisados na busca de elucidar o tema contribuindo para a compreensão e aprofundamento da noção de Alteridade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017, p.434), nos seus marcos normativo em conformidade com as Competências Gerais apresenta como objetivo de Ensino para o Ensino Religioso “Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania”. Dessa forma, há na legislação uma diretriz a ser seguida para que os estudantes construam as identidades a partir de vivências e práticas na relação com o imanente (dimensão concreta e biológica) e o transcendente (dimensão subjetiva, simbólica, espiritual). O que os auxiliará a reconhecer e compreender a si mesmo, dentro do cenário em que está inserido, permitindo que a consolidação da pessoa pertencente a um determinado momento histórico, cultural e religioso, e assim, tornando-se autor de sua própria história.

A palavra alteridade refere-se a consideração do “outro”, da diferença. A alteridade é o oposto da identidade. Basicamente a raiz de toda discriminação reside na intolerância com a diferença, com aquilo que não sou “eu”. Dessa forma acontecem as mais variadas atitudes discriminatórias ligadas aquelas que não possuem a “minha”, cor, raça, religião, visão, política, gosto musical, orientação sexual..aqueles que não se apresentam com uma identidade “minha”.

Considerar a alteridade como campo de estudo constitui um caminho profícuo, para a eliminação da discriminação. Conforme Freire (1983, p.15),

Para tanto o diálogo se constitui em um dos princípios norteadores, pois é condição do modo humano de agir e não há diálogo sem um profundo amor ao mundo e aos homens, o diálogo autêntico reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo melhor.

Colaborando para a consolidação da resiliência como um processo de educação para a cidadania, a BNCC encoraja o exercitar da empatia, do diálogo, da

resolução de conflitos e da cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2017, p.10). Preceitos que ao serem incorporados as práticas docentes através da educação do olhar do professor, sua sensibilidade na compreensão das relações do dia a dia e execução de praticas de ensino valorizando a reflexão dos comportamentos e incentivando boas relações.

2 A CONSTRUÇÃO DA HUMANIDADE

O homem negociou a sua essência e quando se viu despojado dela, chorou e chora a sua miséria de espírito.
Jorge Thums

O ser humano é um ser por característica da imanência um ser social. Historicamente constituído ao longo de uma evolução adaptou-se as mais desafiadoras áreas do planeta, construindo dessa forma características que lhe são singulares, tornando toda a humanidade um mosaico único, no que diz respeito às múltiplas características físicas, linguagens, culturais, religiosas, etc.

Para desvendar todas essa diversidade de características, em uma tentativa de compreendê-lo na sua ação sobre esses território Morim (2001) sugere o estudo sobre o que descreve como a tríade de identidade humana, segundo esse autor faz-se necessário inseri-lo numa cultura, numa história, configurando este estudo em uma tríade indivíduo, sociedade e espécie:

Cada um desses termos contém os outros. Não só os indivíduos estão na espécie, mas também a “espécie está” nos indivíduos; não só os indivíduos estão na sociedade, mas a sociedade também está nos indivíduos, inculcando-lhes, desde o nascimento deles, a sua cultura. (MORIN, 2002 p. 51-52)

Portanto este sujeito constrói e é construído pela historia, com a convivência com o outro transforma e é transformado. Através da evolução novas configurações são formadas e experienciadas. Em contato com a diversidade cultural o homem assimila os sentidos, valores, saberes fazendo uso de sua racionalidade, afirmando-se em um processo de aquisição e definição de suas características pessoais e formação dos aspectos que compõem sua identidade por meio da inter-relação.

Desta forma o ser humano organiza-se em estruturas sociais produzindo história e cultura, segundo Sidekum (2006, p.101), “a cultura como um processo de humanização do mundo e da própria historia humana”. Por esse motivo, a cultura representa uma síntese de toda atividade histórica do ser humano.

Considerando a cultura como tudo o que foi transmitido, aprendido, para Morin (2002, p.165), a cultura é a emergência maior da sociedade humana:

O patrimônio hereditário dos indivíduos está escrito no código genético, o patrimônio cultural herdado está escrito, primeiro, na memória dos indivíduos (cultural oral), depois escrito nas leis, no direito, nos textos sagrados, na literatura, nas artes. Adquirida a cada geração, a cultura é continuamente regenerada.

Portanto a nossa identidade histórica que foi sendo construída pela civilização humana através dos tempos imprime no presente o resultado do que o homem construiu no passado, e seguindo esta lógica também o que será no futuro. Como educadores devemos questionar sobre: Qual futuro queremos para a humanidade? Qual o nosso papel para perpetuar ou romper com comportamentos destrutivos e nocivos para a humanidade? Até quando vamos reproduzir o que foi construído diante da diversidade forjada em guerras, dominações e expressivo estamento social, mantidos e repetidos através dos tempos?

Comungamos enquanto humanidade uma casa comum, o Planeta Terra. Compreendemos que existe uma diversidade de culturas, porém pelas ações observadas nega-se a cidadania desta casa comum a milhares de pessoas, o que Morin (2002) defende como a necessidade da construção de uma “identidade planetária”. O que percebe-se na prática sendo fruto do Colonialismo e do Imperialismo ditando regras e normas e comportamentos, condenando povos e nações para a submissão e subserviência.

Como falar da prática da Alteridade a uma sociedade que teve como elemento fundante o extermínio dos povos nativos, os indígenas considerados como selvagens. E por três séculos a presença da mão de obra escravizada, pessoas que foram retiradas do seu ambiente natural e destituídas da sua humanidade. Como já foi escrito nesse trabalho. O passado construindo o presente e este o futuro.

Para encontrar respostas sobre o objeto da pesquisa, faço referência a narrativa de uma professora do Ensino Fundamental do Município, educadora esta que se encontra na equipe diretiva da referida escola com ampla experiência no exercício de docência. Atuando em uma escola de periferia da cidade que traz em seu currículo diplomas de licenciatura e de especialização na Área das Ciências Humanas.

Respondeu quando questionada sobre o conhecimento do significado da palavra Alteridade. A princípio não conseguiu verbalizar o significado, porém durante a entrevista demonstra conhecimento, entregando mais tarde uma pesquisa sobre o significado, segundo esta professora Alteridade constitui “ O ato de enxergar o outro como um ser singular, implica reconhecer que o outro é diferente de você. O reconhecimento da diferença individual é o primeiro passo para o exercício do respeito e da tolerância , pois se você quer a sua individualidade seja respeitada, é necessário que, antes, você respeite a individualidade do outro”.

O resgate da essência perdida se faz presente na fala da professora, (THUMS, pag.2000) há ausência dessa *essência* presente nas ações de preconceito, racismo, homofobia e intolerância de toda ordem. Percepção e preocupação presentes na narrativa tornam este ambiente escolar sensível em busca de soluções.

3 DIVERSIDADE UM LINDO MOSAICO A SER DESVELADO

Afinal há muitos modos de ser humano e o fato de sermos um desses modos não significa que sejamos o único modo de ser!

Mário Sérgio Cortella

Quando nos deparamos com uma sociedade que produz através das suas falas, olhares, reações humanas como a intolerância, hostilidade e desprezo com relação às diversidades existentes faz-se necessário a reflexão para a construção de intervenções para alterar esta ordem. Esta realidade é acentuada, por ser o Brasil um dos países com maior diversidade do mundo. “Há quem veja essa diversidade como fonte de riqueza, porém para muitos, fonte de preconceito”. (CORTELLA, 2020, p.14)

Todas essas atitudes revelam a falta da compreensão e vivência da Alteridade. Como consequência a propagação da violência e sofrimento pessoal.

O olhar para o outro revelando a carga que cada um traz consigo como o preconceito exposto através das mais diferentes maneiras, acumulado e transmitido para as gerações futuras. Por consequência tornando a convivência na diversidade uma prática (CORTELLA, 2020), o biocídio da raça, referindo-se ao extermínio da vida em todas as suas manifestações como assassinato de pessoas, desprezo pelo meio ambiente impactando a vida de espécies de seres vivos.

Sensibilizado com essas consequências e perspectivas, como modo de vislumbrar uma sociedade humanamente sustentável, a busca de uma vida coletiva que possa perceber a diversidade uma riqueza a ser reconhecida. O reconhecimento dos muitos modos de ser passa pelo resgate da humanidade tão desejada que outrora perdida.

Através da narrativa da professora entrevistada, quando questionada: Em algum momento por parte da comunidade escolar, pais professores, alunos e funcionários, de acordo com suas atitudes demonstram a ausência da prática da Alteridade? Em caso positivo. Quais atitudes? “Algumas vezes acontece de um aluno chamar o outro de esquisito, estranho, por vestirem roupas diferentes, por usarem o cabelo de uma outra cor, ser magro, ser gordo, etc...” Desta forma a

narrativa da professora revela a diversidade presente no ambiente escolar, revelando a presença do *Bullyng*.

A percepção das atitudes de desrespeito e intolerância requerer uma mudança sobre olhar no outro. Ou seja, a mudança de paradigmas do “tolerar” para o de “acolher”. Construção esta que trará a possibilidade de cada um ter sua dignidade reconhecida. Ser digno é ser merecedor de respeito, inclusão e acesso a todo patrimônio material e imaterial que a humanidade produziu.

Significando, dessa maneira, estimular novas posturas de vida que possam ser agregadas ao comportamento de cada um. Contribuir para combater os preconceitos tão nocivos que suprimem a capacidade de conviver, refletir, fazer melhor, inovar, acolher e de partilhar. Questiona-se nesse momento sobre qual o papel do educador e da escola em realizar uma ação inclusiva onde cada um possa vir a ser.

Para sinalizar uma possível solução Cortella (2020, p.31) incentiva o trabalho voltado para a Ética e a Alteridade, sugerindo uma convivência que expresse a noção de igualdade da existência, “só é possível falar em ética que promova a vida digna coletiva se houver a visão de alteridade – olhar o outro como outro, e não como estranho”. Para uma convivência saudável exige a noção da igualdade de existência e, para isso, é preciso afastar qualquer forma de arrogância, discriminação e preconceito.

O pensador Humberto Maturana (1998, p.16) na obra *Emoções e Linguagens* realiza uma significativa reflexão sobre “razão/emoção” levando ao leitor compreender que a mudança do comportamento de cada indivíduo passará pelo trabalho realizado sobre a sensibilização das emoções ao mostrar que,

Emoções são fenômenos próprios do reino animal, onde nós, humanos, também nos encontramos, e que o chamado “humano” se constitui justamente no entrelaçamento do racional com o emocional, na linguagem, fez desabar o imperialismo da razão.

A narrativa da professora aponta como prática na tentativa de solução para as adversidades produzidas pela intolerância, à realização de projetos, envolvendo os alunos de forma responsável e afetiva, dando oportunidade a todos para usarem da

expressão e aprender a conviver na coletividade. Também incentivando relações afetivas através de conversas e práticas de reflexão. A sensibilidade do autor inspirando práticas de ensino voltadas a desenvolver a percepção pela emoção pra tornar a vivência escolar uma expressão socioafetiva entre todos os envolvidos.

A escola vale-se do amor para estruturar relações com base na ética. Para Maturana (1998, p.24) “sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social”, o amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo, outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. Por isso refere-se que o amor é a emoção que funda o social.

4 ALTERIDADE

A coisa mais fácil do mundo é encontrar diferenças. O difícil é harmonizá-las.

Dalai-Lama

Nesse momento ainda procura-se explicar como a diversidade poderá comungar com a Alteridade de forma harmoniosa, inclusiva e acolhedora. Trevisan (2006, p.66) chama a atenção sobre a Alteridade e a identidade, orientando para a necessidade do cuidado sobre incluir o outro sem torná-lo o mesmo, dessa forma promovendo a inclusão sem a homogeneização, respeitando o outro em sua infinita diversidade.

Trevisan (2006, p.66) discorre sobre o uso da hermenêutica, propõem para tentar conciliar a compreensão da diversidade frente aos desafios do entendimento a aceitação da Alteridade, "... talvez um dos caminhos para conciliar as exigências do diverso seja a via compreensiva do diálogo, como elemento mediador do entendimento mútuo". Para Trevisan ao desenvolver a razão compreensiva do "nós" e não do ego tem a ver com a descoberta do outro.

O diálogo proporcionaria entre a diversidade a mimesis, sendo esta, significado da receptividade, o ato de assemelhar-se, o chão comum. O reconhecimento da diversidade, cada qual com suas singularidades, conquistando através do diálogo o conhecimento de outras culturas o entendimento consciente da própria singularidade. E que todos os envolvidos possam compreender que a diversidade resulta em um patrimônio comum da humanidade. Percepção esta que contribuiria para a construção da "corresponsabilidade com o destino do outro". (TREVISAN, 2006, p.72)

4.1 A ALTERIDADE: PENSAR SOBRE O EU O OUTRO E O NÓS

A narrativa da professora sobre as relações interpessoais na escola por parte dos alunos mostra que o caminho a ser percorrido para a construção e assimilação

da concepção da Alteridade é longo e necessário. Percebe-se pelas falas dos alunos discriminação e preconceito, muito embora segundo a professora a escola haja um bom tempo vem realizando um trabalho através do diálogo e reflexões, incentivando os educandos a manterem entre si uma postura mais ética e moral. O que se observa nesta fala com relação aos professores que mantêm esta tentativa de conciliar as diferenças, porém compreender a complexidade de um conceito como a Alteridade não ocorre.

Neste sentido continuei na busca de elucidar a minha questão de pesquisa na tentativa de contribuir para um objetivo mais amplo, ou seja, uma prática de ensino que consiga agregar reflexão às relações com o outro. Assim busquei em Lévinas (1997, p.33) as reflexões que sustentam a ligação dos entrens na vida social nomeando como referência o sujeito ético. Para o autor a negação da diversidade constitui uma violência, esta negação é uma forma de poder sobre o outro. E afirma finalmente que “o humano só se oferece a uma relação que não é poder”.

Como podemos observar as relações nem sempre são alicerçadas sobre os princípios da ética, fazendo-se necessário para a garantia da efetivação dos direitos individuais a criação de leis.

Nomeando para esta pesquisa a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) que surge para a humanidade em um momento em que se buscou frear toda a forma de atrocidades contra o ser humano cometidas nas duas guerras mundiais, motivada pelo etnocentrismo. O reconhecimento das diferenças como, relações de gênero, étnicas, raciais, religiosas, culturais e sociais... a compreensão de um sujeito concreto, motiva a criação de uma legislação que possa vir em defesa dos mais desassistidos.

Para Lévinas (1997, p.35), “a justiça define e é definida por esta relação ética com o outro, em resposta ao sofrimento do outro, para com o qual o sujeito tem infinita responsabilidade”. E é neste contexto que se cria o sujeito de direitos.

Neste sentido a palavra de João Cabral de Melo Neto no filme Morte e Vida Severina (1977) ilustra, em sua obra, o abandono a sua própria falta de sorte da população do nordeste brasileiro. A pobreza decorrente da seca, expressivo estamento social revelando em um contexto histórico marcado pela desvalorização

do ser humano. Neste sentido toda a expressão de abandono ou preconceito necessita do amparo da justiça. “É difícil defender só com palavras a vida. Ainda mais quando ela é esta que se vê Severina, É difícil defender, só com palavras, a vida. Eis o porquê de necessitarmos de um direito que respeite, uma justiça que cumpra”.

Como uma ferramenta imprescindível em defesa da vida a Declaração Universal dos direitos Humanos, em toda a sua dimensão protegendo o *ser físico* como em todas as suas manifestações como sujeito único no ato social, e em suas singularidades envolvidas.

A Declaração conclama (2003, p.5),

A Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta declaração, se esforce, através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdade, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universal e efetiva, tanto entre os povos dos próprios Estados-Membros, quanto entre os povos do território sob sua jurisdição.

Acredita-se que a melhor forma de buscar uma nova força no cenário global, seja mediante a compreensão e o respeito ao outro, ao mesmo tempo em que a Alteridade seja tomada efetivamente como pressuposto de (re)organização das relações humanas.

A compreensão do outro leva ao reconhecimento de que somos uma cultura possível, evitando com isso a arrogância racial, cultural, econômica, política e religiosa. Educar o olhar social precisa passar pela compreensão conceitual do *eu* que se afirma no *outro*, que não implica negação da individualidade da alteridade ou da coletividade, para conceituação do nós como parte da mesma realidade. Destaca-se a forma como fica evidente a questão da efetivação dos Direitos Humanos e de sua possibilidade de hermenêutica para uma sociedade humanamente sustentável, balizada pela Alteridade.

4.2 DIREITOS HUMANOS E ALTERIDADE

Observa-se a necessidade de ser estabelecida uma nova ordem, porém o cuidado para que esta nova ordem não signifique uma ética utópica. Deve ser considerada a possibilidade da reconstrução de uma sociedade mais humana em que os direitos fundamentais estejam associados aos direitos éticos e que os desafios não sejam simplesmente a criação, mas a implantação de forma concreta no mundo contemporâneo.

Desse modo, pretende-se o exercício do direito de Ser diferente a partir de uma compreensão socialmente integrada e espontânea, e não pelo recurso coercitivo de métodos jurídicos. Torna-se necessário, criar um novo paradigma para a compreensão dos valores éticos, principalmente os relacionados à Alteridade. Os valores da dignidade humana precisam ser resgatados para a construção da responsabilidade para com o outro, sendo a educação um dos seus pilares.

5. A ALTERIDADE E O ENSINO RELIGIOSO

Apagaram tudo. Pintaram tudo de cinza. A palavra no muro. Ficou coberta de tinta. Só ficou no muro. Tristeza e tinta fresca. Nós que passamos apesados pelas ruas da cidade. Merecemos ler as letras. E as palavras de Gentileza. Por isso eu pergunto. A você no mundo. Se é mais inteligente. O livro ou a sabedoria. O mundo é uma escola. A vida é o circo. Amor: Palavra que liberta. Já dizia o profeta.

Marisa Monte

O profeta Gentileza, José Dadrino, um ser místico, que dedicou sua vida a distribuir mensagens e palavras de gentileza, pregando o sentido do amor, da espiritualidade e da solidariedade. Incentivando o respeito pelos seres humanos e pela natureza nas ruas do Rio de Janeiro. Um ser que através de suas atitudes inspirou canções, manifestações artísticas e, principalmente, atitudes gentis. O projeto da criação do dia Mundial da Gentileza foi inspirado na vida desse profeta. Dessa forma tornando-se uma referência, de atitudes e ações motivadoras, e inspiradoras, diante do desafio de implementar uma nova ordem social, politicamente ética e afetiva.

O Ensino Religioso, a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), passa a se constituir como uma área do conhecimento. Assim como as demais áreas do conhecimento, possui objetivos, habilidades e competências que precisam ser consolidadas durante o processo formativo dos estudantes. Os objetivos propostos pela Base Nacional Comum Curricular tendem para uma educação pautada nos princípios da paz, pois se fundamentam na valorização dos Direitos Humanos, no Diálogo na Alteridade e no reconhecimento das diferentes identidades. São essas referências basilares que diante dos desafios que a educação tem para a edificação de uma sociedade pautada em valores humanísticos e afetivos.

O Ensino Religioso na Base Nacional Comum Curricular propõem como uma das Unidades Temáticas, Identidades e Alteridades: que tratará como estudo e reflexão, reconhecer, valorizar e acolher o caráter singular e diverso do ser humano, por meio da identificação e do respeito às semelhanças entre o eu (subjetividade) e os outros (alteridade), da compreensão dos símbolos e significados e da relação entre imanência e transcendência. (RCG, RESOLUÇÃO 345, p.50)

Através da narrativa, a professora comenta a tentativa de reverter os casos de discriminação que eventualmente ocorrem na escola. Porém deixa claro que o desafio de conciliar as relações diante das singularidades existentes necessita de muito trabalho e reflexão sobre essas questões. Deixo os questionamentos. Como concretizar a Alteridade na prática cotidiana na escola? Como inserir esse conceito não somente no currículo, mas na vida dos alunos e professores? O desenvolvimento de novas atitudes na área pedagógica torna-se fundamental para o aprofundamento da interculturalidade, não apenas no que se refere a conceitos, mas principalmente como práticas.

6 LIÇÕES FILME A EDUCAÇÃO PROIBIDA E O LIVRO EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Relações humanas que não estão fundadas no amor – eu digo – não são relações sociais.

Maturana

Durante a apresentação do livro foi enfatizado a importância do aprendizado da educação emocional através do resgate dos valores humanísticos, a sensibilidade afetiva. Constituindo um desafio para este momento em que a educação tem e segue como parâmetros o que denominam como humano máquina, não pensam, não sentem, ilustrados no filme. Esta narrativa feita através do filme permite a compreensão sobre o que essa escola que reproduz o modelo da fábrica faz com a humanidade da criança e quais as suas consequências para a vida futura, reveladas na falta de motivação e fracasso escolar.

O filme faz um paralelo de uma educação conservadora e experiências propostas em várias escolas em diferentes países que estão apostando em uma pedagogia ativa centrada no aluno. Essas escolas conseguiram romper com o paradigma tradicional, incentivam e permitem através de uma nova organização do espaço e currículo que os seus alunos avancem considerando as características das suas etapas de vida como: curiosidade, criatividade, habilidade para resolver problemas, proporcionado pela construção de um ambiente humanizado já que suas características pessoais são respeitadas. Uma experiência na qual os valores e as habilidades saem do papel e são experienciados no dia a dia.

Contextualizando com o tema da pesquisa, A Alteridade e a Conquista da Paz estão presentes nas referências que fazem em perceber cada um em seu processo, na relação de entender a vida, o olhar do ser humano sobre o outro. O amor que o educador deve ter em seu trabalho, “onde há *amor* há *respeito*”, onde há *respeito* há capacidade de criação, a escola deve ser um espaço de *ser* reconhecido, de *ser* feliz, permitir através das diferentes práticas que cada um possa *ser* quem realmente *É*, onde o mais importante é o amar. “... se queremos uma sociedade diferente, temos que amar as crianças para que elas aprendam a amar”. (A EDUCAÇÃO PROIBIDA, FILME, 2012)

Como princípio, a Alteridade é o reconhecimento das singularidades de cada um e que a compreensão e o respeito dessas singularidades contribuirão de forma efetiva para a edificação de uma sociedade com bases alicerçadas na Paz. Como o prof. apresenta no filme "... quando um ser humano nasce a sua biologia não o obriga a ser humano, ele precisa de um ambiente humano como referência". A escola ideal seria aquela que através de suas práticas e relações consiga fazer com que cada um transcenda a sua humanidade pelo respeito, acolhimento, amor uns pelos outros, para que desta forma consigamos conquistar a sonhada sociedade da paz.

Com a sensibilidade peculiar do poeta Milton Nascimento através da letra da música Coração de Estudante (1983), inspirado nos movimentos revolucionários da Ditadura Militar, no qual os jovens lutaram por um futuro mais justo e livre, Milton fala do amor, com aspirações positivas, como a coragem, o respeito e a cultura. referencias para alcançar os tão sonhados direitos sociais. O amor e a esperança constituem a grande mensagem da música, como recomenda: "Temos que cuidar do broto para que a vida nos de flores e frutos".

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O princípio da alteridade como promotor de uma sociedade que tenha o seu alicerce a cultura da paz faz-se necessário, urgente e possível. Visualizando o vazio ético encontrado em tempos neoliberais, romper com paradigmas históricos que promovem o preconceito e suas consequências, passam pela ordem da razão e de habilidades sócioemocionais, das quais a hermenêutica contribui para a construção de uma nova ordem alicerçada pelos princípios éticos. A escola pela diversidade que é formada constitui um espaço propício para as questões desafiadoras expostas pela modernidade.

De acordo com a narrativa da professora sobre a compreensão do entendimento sobre Alteridade, fica claro uma limitação por parte dos docentes, havendo necessidade do aprofundamento desse conceito em período de formação. Cuidado este que deve ser tomado pelas universidades no momento que forem organizar o processo formativo dos professores. As questões sobre diversidade e respeito são base para esta caminhada agregando a estes currículos a formação humana integral, como os princípios éticos e de justiça.

O Princípio da Alteridade é complexo e necessita ser compreendido e agregado pelos profissionais da educação. O trabalho com os educandos sobre a interculturalidade e a percepção planetária da “casa comum” e acolhida faz-se basilar nesta caminhada, um tema que sai da esfera escolar e entra na luta legal pela edificação dos direitos humanos.

Palavras de Dom Francisco de Assis Silva, Bispo Anglicano (2011, p.11), “Defender a criação, significa antes de tudo, reafirmar a sacralidade do mundo como efeito do amor e da sabedoria do Criador, em segundo lugar, significa deslocar o eixo hermenêutico de um antropocentrismo para um ecocentrismo”.

O Bispo convida a refletir sobre a necessidade de se preservar a vida, presente e futura, com os princípios da responsabilidade. Sejamos todos nós instrumentos de preservar a todas as formas de vida.

REFERÊNCIAS

A EDUCAÇÃO Proibida. Direção de German Doin. Argentina, 2012 (115 min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OTerSwwxR9Y>> Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>> Acesso em: 30 out. 2020.

BÍBLIA. Nova Bíblia Pastoral. **Antigo e Novo Testamento**. Tradução: FRIZZO, Antonio; SCARDELAI, Donizete et al. São Paulo: Paulus, 2014.

BONFIM, Vinícius Silva. Gademar e a Experiência Hermenêutica. **Revista CEJ**, Brasília, Ano XIV, n. 49, p. 76-82, abr./jun. 2010.

CORTELLA, Mario Sergio. **A Diversidade**: aprendendo a ser humano/ Mario Sergio Cortella; coautora Janete Leão Ferraz. São Paulo: 3DEA Editora; Littera, 2020.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <<https://brasa.org.br/declaracao-universal-dos-direitos-humanos/>> Acesso em: 8 ago. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: Ensaios sobre a Alteridade. Petrópolis: Vozes, 1997.

MATURANA R., Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política** / Humberto Maturana; tradução: José Fernando Campos Fortes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MONTE, Marisa. Gentileza. *In*: **Memórias, Crônicas e Declarações de Amor**. São Paulo: Phonomotor, 2000. CD (41:55).

MORIN, Edgar. **O método V**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORTE e Vida Severina. Direção de Zelito Viana. Mapa Filmes, 1977, (1:28:34), son., col. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8U9K7IU9J2Y>>

Acesso em: 10 out. 2020.

NASCIMENTO, Milton. Coração de Estudante. In. **Ao Vivo**. São Paulo: BMG/Ariola, 1983. LP, K7, CD e Dowland digital (46:56).

NETO, José Querino Tavares; KOZICKI, Katya. DO “EU” PARA O “OUTRO”: A ALTERIDADE COMO PRESSUPOSTO PARA UMA (RE)SIGNIFICAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS. **Revista da Faculdade de Direito - UFPR**, Curitiba, n.47, p.65-80, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/ponto/Downloads/15735-54292-1-PB.pdf> Acesso em: 5 set. 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. **Entre a vida e a formação**: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100017&lng=pt&tlng=pt> Acesso em: 20 ago. 2020.

PENSADOR. Antoine de Saint-Exupéry: **O Amor é a única coisa que cresce à...** Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/NTM0Nzk5/>> Acesso em: 10 nov. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação. **Referencial Curricular Gaúcho**. Disponível em: <<http://portal.educacao.rs.gov.br/>> Acesso em: 21 jul. 2020.

SBARDELOTTO, Moisés. O Ecumenismo Hoje. Uma reflexão teocológica. **Revista do Instituto Humanista Unisinos**. São Leopoldo, Ed. 340, p. 5, 22 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao370.pdf>> Acesso em: 20 ago. 2020.

SIDEKUN, Antonio. Cultura e alteridade. In: TREVISAN, Amarildo Luiz; TOMAZETTI, Elisete M. (Orgs.) **Cultura e alteridade**: conferências. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

THUMS, Jorge. **Acesso a realidade**: técnicas de pesquisas e construção de conhecimento. Porto Alegre: Sulina, Ulbra, 2000.

TREVISAN, Amarildo Luiz. **Terapia de Atlas**: filosofia da educação no contemporâneo. Caxias do Sul: Educus, 2002. Disponível em: <<https://www.ucs.br/educs/arquivo/ebook/terapia-de-atlas-filosofia-da-educacao-no-contemporaneo/>> Acesso em: 5 out. 2020.

TREVISAN, Amarildo Luiz; TOMAZETTI, Elisete M. (orgs.) **Cultura Alteridade**: Confluências. Disponível em:

<<https://www.passeidireto.com/arquivo/26347664/cultura-e-alteridade-confluencias-trevisan-tomazetti>> Acesso em: 5 out. 2020.